

TÉCNICA DIALÉTICA E EIDOS

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA REFLEXÃO SOBRE DIALÉTICA DE PLATÃO

Rachel Gazolla*

SÍNTESE – A dialética em Platão é, por um lado, uma técnica que planta e semeia as “sementes do *logos*”; ela é, então, algo que pode ser ensinado e aprendido na relação Mestre e Discípulo. Por outro lado, Dialética é uma *episteme*, através da qual é possível contemplar o ser e o inteligível; ela é um saber mais perfeito e pertence, não ao âmbito da técnica, do *poiên*, mas ao domínio do contemplar, do *theoreîn*. Dialética neste segundo sentido trabalha, primeiro, com hipóteses, para depois conduzir à visão noética, na qual ela consegue ver seus fundamentos.

PALAVRAS-CHAVE – Dialética, Platão, técnica, contemplação.

ABSTRACT – To dialectic in Plato is, on one side, a technique that plants and it sows the “seeds of the *logos*”; she is, then, something that can be taught and learned in the relationship Master and Pupil. On the other hand, Dialectic is a *episteme*, through which is possible to contemplate being and the intelligible; she is a more perfect knowledge and it belongs, not to the ambit of the technique, of the *poiên*, but to the domain of contemplating, of the *theoreîn*. Dialectic in this second sense works, first, with hypotheses, for later to drive to the vision (*noîésys*), in which she gets to see its foundations.

KEY WORDS – Dialectic, Plato, technique, contemplation.

“Tu tens bem fluente língua como quem pensa (*phronôn*),
mas pensamento (*phrénes*) não te assiste nos dizeres
(en toîs lógois)...” (Eurípides, *Baccantes*, v. 268)

Inicialmente, cito a *República* quando Platão faz Sócrates dialogar com Glauco (537 e) nos seguintes termos:

S – “[...] não notaste, pergunto, o mal que alcançou hoje o dialogar (tó dialégesthai) e o que veio a ser?”

G – Qual?

S – Está completo de desordem (paranomías), respondi.

G – E muito...”

* Doutora em História da Filosofia Antiga pela Universidade de São Paulo – USP e Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP. Esta palestra foi proferida no I Congresso Internacional de Dialética – Porto Alegre, RS – Maio/1998.

Com fácil concordância de Glauco, sabemos que não há grande surpresa quanto ao dialogar estar pleno de “paranomias”, à época. Após tal afirmativa, Platão utiliza-se do exemplo de uma criança criada por pais adotivos, que fica sabendo só mais tarde de sua adoção, e se confundirá com tal fato diante de si e dos outros em função de uma situação para ela inesperada. Compara a vivência dessa criança com as da alma humana, pois são necessárias certas precauções para que ambas, a criança e nossa alma, não confundam sua própria identidade diante de circunstâncias imprevisíveis.

A comparação pretende servir para o caso daqueles que devem aprender a dialética, pois é fundamental que já tenham a alma moderada e firme para poderem bem servir-se dela. Diante disso, Glauco quer saber em que exemplo da criança adotada pode aproximar-se do dialético que se quer formar na cidade justa. E Sócrates responde:

“[...] Temos desde a infância, sobre a justiça e a beleza, máximas (*dógmata*) dos pais que nos formaram e que temos o hábito de seguir e respeitar [...] Há outras opostas a essas, máximas prazerosas que seduzem nossa alma e lançam-na a elas [...] Quando não se puder mais reconhecer o valor dessas coisas e seu parentesco com a alma, e de outro lado não se encontrar mais o que é preciso acreditar, como conduzir-se normalmente senão para aquelas que seduzem?”

Início minha fala com tais citações, porque gostaria de indicar dois pontos importantes que ajudam a compreender o que é a dialética platônica: a facilidade com que Glauco aceita que o modo de dialogar à época é um “kakós”, e a relação que Platão estabelece entre a natureza da alma e a dialética. Portanto, deve-se perguntar que tipo de dialogar o filósofo está preocupado em criticar e o que ele mesmo tem a propor. Na segunda citação, ao comparar os valores paradigmáticos nos quais somos formados desde a infância, com os outros valores de cunho prazeroso, aprendidos na vivência dos costumes, Platão adverte que, se não reconhecermos o valor das coisas em seu parentesco com a alma, acolheremos as que nos seduzem por serem aparentemente prazerosas.

Essa questão é especificamente espinhosa e não vou tratá-la aqui por referir-se à problemática do prazer e dor, desenvolvido no *Philebo*. Fica, entretanto, a questão do parentesco da alma com o que recebe como princípio e solo para a conduta diante de uma situação eventual de vazio de princípios e que, como adverte Platão, pode ser preenchida sedutoramente.

Parece clara a referência platônica aos *lógoi*¹ sedutores dos sofistas de sua época e à vivência das leis e julgamentos da cidade, mutáveis tanto quanto a persuasão dos cidadãos diante das palavras dos oradores. Quando a alma está no vazio de valores, parece dizer Platão, a retórica como arte de bem falar e calar no momento oportuno pode preencher tal vazio. As belas palavras que os oradores criam para seduzir indicam que o *lógos* é plástico, amolda-se ao processar técnico e tem como objetivo sua própria glória. A persuasão cria, com facilidade, muitos valores naqueles que estão sem paradigmas. Há uma “psychagôgia”, como Platão nomeia no *Fedro* (271 d), no exercício da potência do *lógos*, que pode levar as almas para onde quer o orador.

¹ Não traduzirei a palavra *lógos* pois sua conotação é extensa: razão em sentido mais amplo do que a modernidade considera, discurso, argumento, palavra, reflexão, julgamento.

Nesse diálogo, o filósofo aponta para a necessidade de pensar o parentesco entre a alma e o *lógos*. Diz que, assim como existe uma natureza da alma, também haverá uma natureza do *lógos*, e é preciso as duas para saber da *aitía*, da causa, isto é, daquilo pelo que há a produção da persuasão de um lado, e da não-persuasão, de outro (ech anánkés hé mén peíthetai, hé dè ápeithei), (271 b).

Que força é essa que, em se usando o mesmo 'material', o *lógos* no caso, é possível produzir efeitos diversos, persuadir ou não-persuadir? É essa a pergunta e uso nucleares da Sofística. Deve-se perguntar, também, se Platão consegue persuadir quando faz filosofia na forma dialógica, tanto quanto os demais oradores. Em que sua dialética se diferenciaria dos argumentos sofisticos na arte de persuadir por palavras? Não é a dialética uma forma de persuasão como o são os *dissói lógoi* acompanhados da arte da retórica?

A dialética é definida, ainda no *Fedro*, como uma técnica que, levando pela mão a alma, planta e semeia *epistêmés lógous* (277 a). Esse modo de *lógos* estruturar-se consegue ser uma doação tanto àquele que planta quanto ao que recebe o plantio, de forma a produzir em quem o recebe novos *lógoi*, usando da mesma matéria, como aprendeu. A dialética é, então, uma técnica e é ensinável.

Todavia, no livro VI da *República* (511 c), diz ele que o dialogar é uma *epistême* através da qual é possível contemplar o ser e o inteligível (tés toû dialégesthai epistêmés toû óntos te kaí noêtoû theoroúmenon). Enquanto *technê*, ela produz algo que não existia, pois é essa a definição de técnica, no *Sofista*. Está no domínio do fazer como *poiéin*, fabricar. Enquanto *epistême*, a dialética estrutura-se como um saber mais perfeito, pertinente ao domínio do *theoreîn*, do contemplar. Como *technê*, ela assim o é de modo sui generis, na medida em que nem sempre segue os procedimentos e fins das técnicas gerais, quais sejam, o de produzir algo para o uso, produzir *tá chrêmatá*, coisas utilizáveis que têm um valor.

Ao produzir um sapato, por exemplo, o sapateiro pode ensinar a alguém as etapas do processo para tal produção, sem que tal ensinamento seja para ele um aprendizado, pois sendo sapateiro tem já a posse desse saber. O produto – o sapato – e o processo de fazê-lo não são imanentes à relação sapateiro-aprendiz, e este terá que exercitar-se muito até que produza, pelas etapas ensinadas pelo mestre, um bom sapato, sem necessariamente usá-lo. Não deixa de haver, entretanto, uma semelhança com o processo dialético como técnica. Como processo técnico, tanto o sapato quanto um diálogo são ensináveis e produzem algo útil. Talvez por isso, Sócrates tenha visto alguma sabedoria nos artesãos (*Apologia*).

Também o médico, sendo um técnico, produzirá o remédio certo para o doente específico, mas ele mesmo não está imanente ao processo do produto, e o doente, não dependendo de receber ensinamentos sobre a arte médica, está ligado ao produto final, o remédio, enquanto que o médico, não.

O que há de sui generis no dialogar como técnica? Aquele que usa tal matéria, o *lógos*, poderá ou não estar imanente ao processo e ser a causa que produza tal *lógos*, ser sua causa eficiente, seu produtor. No caso da técnica dialética como quer pensá-la Platão, coloca-se ela como semeadura e plantio. Tal postura implica na imanência de mestre e discípulo no ensinar e aprender. Em termos causais, há imanência entre aquele que produz e o que recebe o produto. Mas, sabemos que

um diálogo não é, necessariamente, sempre assim. Ao utilizar-se do *lógos* como força de domínio do outro pela persuasão, um procedimento que pressupõe a guerra dos argumentos e a violência com a disposição das palavras para preenchimento do vazio do outro, estaremos dentro do processo técnico próprio aos sofistas e à esfera jurídica. Tem-se em vista, nesse caso, um determinado fim útil: a persuasão dos ouvintes. Estes são colocados passivamente no processo dialógico, como o sapateiro e seu aprendiz.

Nessa configuração, o diálogo é uma técnica como outra qualquer, no sentido de que produzir algo antes inexistente que passa a ser e é útil. Ao invés de produzir sapatos ou a cura do doente, processam-se argumentos plenos de valores para criar novas opiniões no ouvinte.

O momento em que, no *Fedro*, Sócrates afirma a dialética como técnica, parece-me que está indicando que seu processo não é esse, uma vez que tanto o que ensina como o que aprende o dialogar ganham, mutuamente, ensinamento. É exatamente esse um dos pontos nevrálgicos – já que há outros – que afastam o Platão técnico-dialético do sentido de técnica usualmente compreendida à época. Sem dúvida, o processo técnico implica sempre em violência, qualquer que seja seu tipo, na medida em que destrói e reconstrói a matéria sobre a qual trabalha (*amplo sensu*) imprimindo-lhe a forma que se queira em direção a um fim. Como pensar o processo técnico sem a violência que lhe é concernente?

Ora, o dialogar platônico enquanto técnica tem seu aspecto violento, destruidor e construtor. Afinal, já a maiêutica socrática tinha essa tônica, bem sinalizada na ironia. Porém, de modo fundamentalmente diferente dos *dissói lógoi* dos sofistas e dos oradores dos tribunais, o processo dialético platônico mantém os dialogantes em consonância, mais que isso, em *philia*. Essa é a pedra de toque que transforma toda a perspectiva do pensamento técnico em Platão, não só com referência à dialética.

Como *epistême*, na *República*, ela é um caminho para, ou seja, um método que leva a alma ao conhecimento das idéias, como o filósofo explicita ao final do livro VI. Assim sendo, é importante que sejam mantidos dois ângulos para pensar a dialética platônica: como *technê* e como *epistême*. A técnica pressupõe o *lógos* enquanto potência capaz de criar novos *lógoi* – e nessa acepção o processo tem cunho genético, de nascimento. Enquanto ciência, pressupõe-se o *lógos* no seu poder mais amplo de pensar as idéias e ensiná-las como fundamento das sentenças bem dispostas ou *doxai*.

É possível dialogar sem ensinar o outro. Pode-se simplesmente aprender as idéias para si mesmo, circularmente, efetivando a sementeira e o plantio de uma só vez, como se houvesse um ‘eu’ e um ‘outro’ de si mesmo. Efetivamente, Platão define o *lógos* do seguinte modo, no *Sofista* (263 e, 264 a):

“[...] Reflexão (*diánoia*) e discurso (*lógos*) é o mesmo, salvo que é o diálogo e silencioso da alma consigo mesma a que damos o nome de reflexão (*diánoia*).

[...] Mas a corrente que emana da alma e sai pela boca na emissão vocal recebeu o nome de discurso (*lógos*)?”

[...] Sabemos que há, ademais, discursos (*lógois*) [...] que afirmam e negam [...]

[...] Quando, então, isto se faz na alma, segundo a reflexão (*diánoia*), silenciosamente, tens outra palavra para designá-lo senão opinião (*dóxa*) [...]?”

Dizer e refletir (*lógos*), portanto, são nomeados diversamente na linguagem comum e estão referidos a uma técnica que pode ser ensinada e a uma ciência a que alguns podem alcançar. Se dizer é o mesmo que refletir e opinar, quando julgamos ou opinamos sobre algo, de modo a afirmar ou negar esse algo sentencialmente, o princípio é o mesmo: é o *lógos* exprimindo-se dessa ou daquela forma. Se dialogamos com a alma, interiormente, sem ensinar o outro mas a nós mesmos, plantamos e semeamos o próprio solo e alcançamos, como o sapateiro antes de fabricar o sapato, aquilo de que precisamos para chegar a um fim e que já está no início: no caso do sapateiro, a forma (*eidos*) do sapato a ser produzido; no caso do técnico-dialético a clareza dos princípios que fundarão suas sentenças, as idéias (um outro modo de pensar *eidos*). Afinal, se a filosofia pretende demonstrar os fundamentos do sapateiro – o que ele não pode demonstrar – tem que saber de seus próprios fundamentos.

Como se houvesse um redobro da matéria, da forma, do fabricante e do seu fim, assim é que o processo de produção ‘lógico’ está sendo construído. É a matéria e forma que impulsionam a demiurgia. Todavia, há uma quebra da circularidade no processo técnico dito não noético, conforme o livro VI da *República*. Quebra-se o círculo quando entre o homem que fabrica e o produto fabricado há um terceiro: aquele que receberá o produto e que não está envolvido no processo. Parece ser esse um ponto importante para compreender o pensamento técnico em Platão e sua crítica parcial às técnicas, pois a dignidade do ser humano, exercitando-se circularmente com objetos, pode impedir o desenvolvimento de sua alma. É sua crítica clara no *Górgias*, que não abordo nesse contexto.

Essa quebra não ocorre na dialética, pois sua forma e sua matéria são o próprio *lógos* na sua potência de ir e vir do sensível ao inteligível, construindo o movimento dia-noético. Nesse ponto está, também, a grande diferença entre as *technai* fabricadoras de objetos e aquelas que trabalham com hipóteses, como as matemáticas e técnicas afins. Nesse sentido que a própria dialética é uma técnica, como o é a matemática. Diz Platão na *República* (511 b, c, d):

S – “[...] Aprende então o que quero dizer com o outro segmento do *inteligível* (*toú noétou*), daquele que o *lógos* atinge pela potência do dialogar (*dialégesthai dynámei*), fazendo das hipóteses não princípios mas hipóteses realmente [...]até chegar à conclusão, sem servir-se de nenhum sensível (*aisthétō*) [...]”

G – “Compreendo [...] queres determinar que é mais claro a contemplação do ser e do inteligível pela ciência do dialogar (*toú dialégesthai epistēmes tou ontos te kai noétou theōroūmenon*) do que pelas nomeadas *technai* cujos princípios são hipóteses [...]”.

Como *epistēme* dialética, como esclarece Platão, leva a alma ao ser e ao *nous*, e a técnica dialética, como as outras técnicas, é exercitada no decorrer desse processo para, primeiramente, trabalhar com hipóteses e, depois, ter a visão noética. Desse modo, a circularidade do *lógos* na *aiñia* move-se para algo e encontra, aí mesmo, seus próprios fundamentos, à diferença da circularidade técnica que permanece nos objetos ou nas hipóteses.

É essa circularidade que Platão quer resgatar integralmente para o ensinar filosófico. A bem dizer, a técnica dialética no sentido platônico necessita da ciência dialética para processar-se, mas o discípulo só saberá disso ao final de seu movimento. Só então poderá ‘ver’ seus fundamentos.

Parece-me que o diálogo platônico – que quer a imanência ou o parentesco do mestre e discípulo na matéria em que trabalham (o *lógos*) – preserva tal parentesco na medida mesma das *dynameis* da alma de cada um. O *logistikón*, ou a forma logística da alma, deve estar em consonância no mestre e no discípulo para o exercício dialético, e nem todos os homens apresentam forte propensão ao uso dessa potência da alma. Porém, só esse *eidós* da alma é capaz de compreender a si mesma no seu movimento, princípios e limites.

Assim sendo, a técnica do *lógos* necessariamente é ultrapassada no seu processar-se para tornar-se ciência quando, então, pode saber-se enquanto poder técnico. O que faz a especificidade da técnica dialógica é o fato de o dialético impor, *a priori*, o afastamento das “paranomias”, isto é, da carência de um produzir que não sabe de si mesmo. Aquele que ensina o outro ou a si mesmo – isto é, que faz o plantio em seu próprio campo ou no campo alheio – deve ter a posse de certos paradigmas que norteiem os laços de parentesco da alma com os seres e os dizeres. São tais paradigmas esses fundamentos que, no caso do dialético-mestre, são adquiridos na contemplação das idéias, antes de ensinar.

Agora, já podemos voltar à citação inicial da *República*: assim como as *dógmata* ensinadas pelos pais têm parentesco com a formação da alma e dos valores das ações futuras, também as idéias são os paradigmas que têm parentesco com a alma e seu saber mais perfeito. O discípulo saberá disto ao final do processo. O mestre já o sabe antes. Esse caminho que pressupõe paradigmas no seu início é no seu fim aponta para a busca do que já se sabe e de seu reconhecimento ao final, que é, a rigor, um reencontro, conforme Platão anuncia no *Ménon*, ao expor o *lógos* da reminiscência. Não se pode ensinar se não se sabe, *a priori*, os fundamentos do que se ensina.

Todavia, qual é o fio condutor do mestre que, sabendo mais, não exerce o mesmo tipo de técnica persuasiva e de força dos debates jurídicos e sofisticos? É preciso compreender o que é o *átomon eidos*, pois é esse o fio que o mestre não pode perder nos seus argumentos ao discípulo. É isso que cria os laços de *koinonía* entre eles.

O que está no começo e no fim, as idéias, deslizam no proceder dialético como busca invisível do *átomon eidos*, ou seja, da forma indivisível, una e final do ser que se pesquisa, quer seja ele o pescador com o anzol, no *Sofista*, quer seja a Justiça, na cidade justa. O que é *átomon eidos*?

H. G. Gadamer, em seu livro *A ética dialética de Platão*,² considera, com grande sensibilidade, que o trabalho dialético da *diairesis* – a divisão do tema proposto em partes – baseia-se, verdadeiramente, em descobrir unidades novas até tocar o limite, que é o *átomon eidos* (o que, na matemática é o ponto). Sabemos que o diálogo *O Político* é um bom exemplo disso. Decomposto um tema submetido ao filósofo, inicia-se a busca da unificação através da divisão, trabalho antinômico tão ao gosto de Platão. Destroi-se para construir, divide-se para unir. Tem-se como guia a forma última, o não divisível. Diz Gadamer:

² *Léthique dialectique de Platon*, ed. Actes Sud (trad. do alemão *Platos dialektische Ethik*, Verlag).

"[...] buscando alcançar um último 'eidos' indivisível, que resume a coisa em sua irredutível unidade, tem-se, dessa vez, a certeza de ter alcançado o ente em questão, ele e não um outro, em um *lógos* que fixa, de uma vez por todas, seu ser idêntico a si [...] graças à especificação, o ente é concebido segundo a permanência de sua natureza. Este método de definição por divisões sucessivas encontra seu arquétipo na determinação numeral, assim como Sócrates mostrou-se tomando como exemplo a teoria musical" (p. 185).

Parte-se, portanto, da empiria múltipla. Por exemplo, no *Banquete*, a pergunta sobre o que é o amor apresenta-se, primeiramente, na variedade de opiniões a respeito; ou no *Ménon*, a pergunta sobre o que é a virtude inicia-se com diversas opiniões já assentadas. Toma-se nas mãos um fio condutor para a unidade – o que é o amor ele mesmo? O que é a virtude ela mesma? fio que não está mergulhado na sedução prazerosa de certos *lógoi*, ao contrário, necessita da firmeza, moderação e disposição da alma daquele que pergunta, tendo em vista a dificuldade desse exercitar-se, dessa *áskesis* profundamente amorosa.

O Eros dialético explicita-se no modo como o diálogo flui ou ele mesmo é o Eros, nas suas regras, interrupções, silêncios, mudanças de rumos, volteios, nas astuciosas metáforas, alegorias, exemplos, no uso de mitos, no drama, naquilo tudo que o *lógos*, na sua plasticidade, dá a conhecer. Enfim, como diz Platão no *Fédon*, o diálogo – ou o *lógos* como diálogo – é um exercício que afasta a alma do corpo, enquanto esta se exercita para alcançar as realidades inteligíveis. "Dialogar é, portanto, mais que tangencial à definição da própria Filosofia, é sua essência, é a própria exposição do Eros como um *daimôn*" (cf. *Banquete*).

Quando se trata do diálogo com o outro, então é preciso que todo o caminho seja construído em *koinonía* mútua para que não se arvore o mestre-dialogante em senhor do *lógos*: Mesmo quando ao ler os diálogos, ficamos com a impressão de que o discípulo apenas confirma o dizer do mestre, é um simples 'marionete', não é assim. Aquele que ensina tem em mãos, sim, o fio condutor, ou seja, o saber dos paradigmas que norteia, na multiplicidade, a procura do *átomon eidos*. Ele tem parte do *arithmos* do diálogo, parte de seu fluxo, mas não pode ir adiante sem que o discípulo acompanhe, passo a passo, o movimento do que se está expondo.

O mestre depende da firme anuência por parte daquele que ouve, de que aquilo que está sendo expresso, que está sendo pensado e falado, está sendo incorporado no discípulo, vivenciado do mesmo modo como o expositor o está pensando.³ Essa é a temporalidade do dialogar. Daí a importância da *koinonía* na filosofia de Platão: comunidade das idéias, comunidade do *lógos*, comunidade na cidade justa, comunidade na demiurgia (entre o produtor e o produto), comunidade da alma e do corpo.

Essa progressão, esse *arithmós* do diálogo implica, como nota ainda Gadamer,⁴ em conhecer o número (tradução assentada de *arithmós*), em dominar uma técnica, lembrando o *Górgias* (501 a, 8) e o *Fédro* (270 d, 6 e, 273 e, 1). Dominar

³ Não me parece possível supor que haja, em função dessa postura, uma 'intersubjetividade'. Não se pode esquecer que o *lógos* é recolhido pelos homens e a eles fala e se dá a pensar segundo o próprio modo de ser humano. Vários fragmentos de Heráclito demonstram esse sentido e Platão não rompe com tal tradição. É preciso cuidado, porém, para não considerar o *lógos* transcendente ao mundo ou, ao inverso, considerá-lo cartesianamente como razão.

⁴ *Op. cit.* p. 187.

uma técnica é poder justificar suas etapas, o que só é dispensável para uma saber que não conheça a natureza do que faz e que Platão nomeia rotina, diferenciando da técnica que conhece suas etapas apesar de não conhecer seus fundamentos. São as palavras de Sócrates, no *Górgias*, ao diferenciar a cozinha como saber rotineiro e a medicina como saber técnico.

Para Gadamer, a dialética enquanto saber técnico reporta-se à diversidade das coisas sensíveis divididas em gêneros e espécies, de modo a poder chegar ao “quid” da coisa, à *ousía*. Dito com outras palavras, poder chegar ao limite do próprio *lógos* até que ele ofereça o ser da coisa na sua permanência. Isto será seu *átomon eidos*. Não deixa de ser uma forma de violência.

Lembrando a citação inicial que fiz da *República*, e relacionando-a com as colocações de Gadamer, creio que ele tem toda a razão na sua leitura.

Ao finalizar, quero supor que essa “função técnica” da dialética seja transcendida no próprio exercitar-se lógico. Isso porque, encontrar a forma última, o *átomon eidos*, é, de uma só vez, encontrar o princípio que, silenciosamente, norteava a procura. O fim está no começo, o que significa dizer que já se estava de posse da *epistême* quando se iniciou o ensinamento da técnica que, nada mais é, nesse sentido, que reminiscência. Uma violência, sim, como disse, pois é parturição do que se carregava. Daí ser o filósofo um parteiro que domina a técnica e o fundamento da parturição, pois tem o conhecimento que Platão denominou, ao final do livro VI da *República* (511 b), de inteligível (*noéton*).

A dialética (ou o dialogar) apresenta-se, portanto, como uma arte do *lógos*, uma “*dynamis*” que ele possui e que oferece uma outra face de si mesmo dada sua plasticidade: pode ser também o veículo da e para a *epistême*.